

FRONTEIRAS DA MEDICINA

TENDA HIGH-TECH
O índio Jailton de Oliveira é
operado de uma hérnia numa
aldeia do Amazonas. O centro
reproduz as condições de um
hospital de verdade



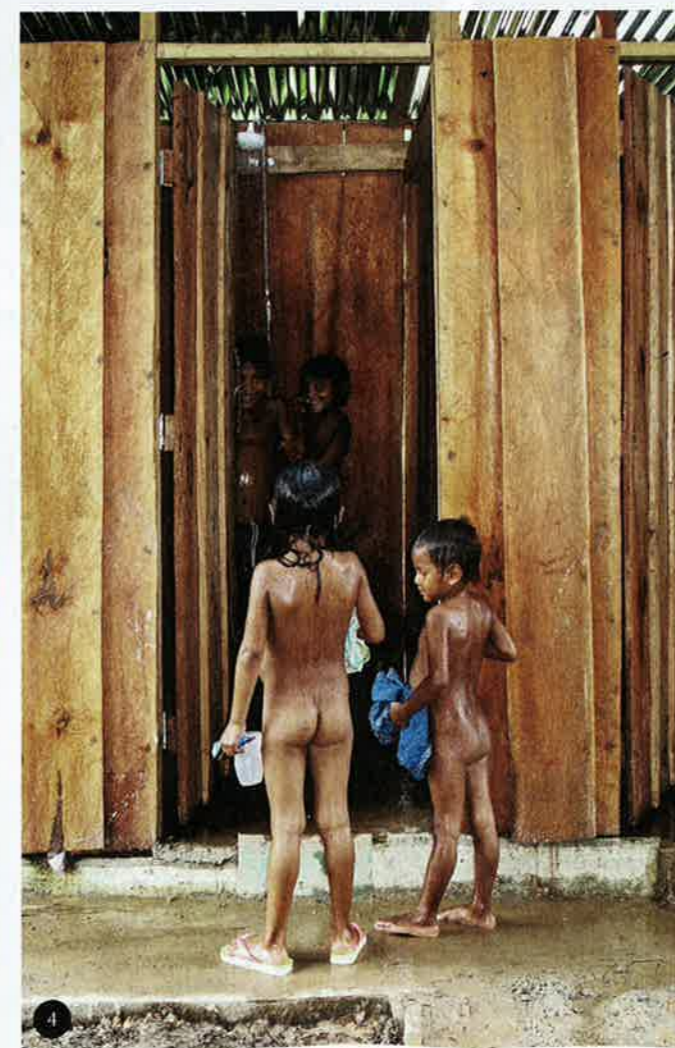
Quando o hospital vai à floresta

No interior da Amazônia, uma trupe de dentistas, médicos e enfermeiros faz cirurgias em índios que, muitas vezes, nunca estiveram diante de um profissional de saúde



Rogério Cassimiro (fotos) e Aline Ribeiro (texto), de Tefé, no Amazonas

Sob uma tenda de lona impermeável, médicos trajando máscaras e toucas de cabelo se alternam entre bisturis e nacos de gaze com sangue. O som agudo do monitor cardíaco é amenizado pela música de um smartphone, que ora toca rock, ora jazz, numa tentativa, em vão, de agradar a gostos variados. Tão fria quanto o clima siberiano do ar-condicionado, a iluminação reproduz as condições de um centro cirúrgico urbano. Os olhares da sala convergem para uma maca onde repousa Jailton de Oliveira, de 50 anos, um índio da tribo catauixi. Enquanto o médico abre sua barriga para a retirada de uma hérnia, o paciente permanece imóvel, embora não esteja desacordado. Sua expressão tampouco se altera. Jailton não dá pistas do que está pensando diante de uma situação tão inédita. Do lado de fora, a poucos metros dali, o Rio Solimões corre majestoso, emoldurado por uma densa faixa de Floresta Amazônica. ▶



ROTINA NA ALDEIA
 1. O acampamento dos voluntários da saúde 2. Uma paciente mirim com sua mãe 3. As redes do pós-operatório 4. Meninos da aldeia nos banheiros coletivos

Desde 2004, uma trupe de forasteiros desperta tal estranheza por aldeias do Norte do Brasil. São médicos, enfermeiros e dentistas, todos voluntários na organização Expedicionários da Saúde (EDS), sediada em Campinas, no interior de São Paulo. É a única ONG do país que leva às áreas indígenas distantes um centro cirúrgico com equipamentos dignos de hospitais particulares de São Paulo. O choque é tão maior quanto mais isolada for a reserva. “Aqui somos como alienígenas”, afirma o ortopedista paulista Ricardo Affonso Ferreira, um dos criadores da EDS. “Fazemos nosso trabalho e vamos embora sem deixar rastro.” Esses profissionais praticam a medicina em condições desafiadoras, entram em contato com doenças que só conhecem dos livros.

Ferreira teve a ideia de levar um centro cirúrgico à aldeia durante uma trilha de volta do Pico da Neblina, em 2002. Ele retornava de uma área ▶

FRONTEIRAS DA MEDICINA



MARTIN FERREIRA
60 anos
Anestesiologista, é um dos criadores da ONG

É quem decide se um paciente de risco será operado ou perderá a oportunidade

EDSON CALDAS
57 anos
Pioneiro, é o outro criador da ONG

Um dos mais antigos da trupe, chega antes na aldeia para erguer a infraestrutura do acampamento

RICARDO FERREIRA
57 anos
Ortopedista, é o criador da ONG

De olho no futuro, está testando uma nova tenda médica inflável – o cubo mágico – para facilitar a logística

FABIO PAGANINI
42 anos
Voluntário, está na décima missão

Na aldeia, o cirurgião alcança o equilíbrio espiritual. No dia da foto, comemorava o aniversário à beira do Rio Solimões

MARCIA ABDALA
57 anos
Prefeita do grupo, cuida da logística

Sempre com um rádio na cintura, resolve problemas que vão da falta de um remédio ao conserto da tenda

ianomâmi com um primo, o médico anestesista Martin Affonso Ferreira. Impressionados com o que haviam visto, compartilharam a sensação de que poderiam suavizar a precariedade daqueles povos. Foram dois anos até a ideia amadurecer e resultar na primeira missão na região da Cabeça do Cachorro, no norte do Amazonas. Começou pequena, com seis tripulantes e 100 quilos de materiais distribuídos em sete caixas. Uma única voadeira, um barquinho a motor comum por ali, dera conta de toda a parafernália.

Hoje, cada viagem do grupo é uma operação de guerra. Para erguer o acampamento da última missão, no Amazonas, cerca de 15 toneladas – entre estrutura das tendas e mantimentos – desceram o Rio Solimões, numa balsa do Exército, até um vilarejo próximo a Tefé. Cinquenta e oito voluntários trabalharam, e uma média de 500 pessoas por dia circulou pelas tendas, entre pacientes e familiares. Barcos, ônibus e aviões da Força Aérea Brasileira fizeram o transporte de índios que chegavam de até 1.000 quilômetros de distância.

Ao lidar com culturas tão distintas, a atenção aos detalhes é crucial. Se um paciente não fala português, os organizadores se certificam de que um tradutor indígena acompanhe as consultas e a cirurgia. Quando escolhem uma aldeia para receber a missão, ficam atentos às rixas entre as etnias atendidas. Outra preocupação é desfazer boatos amazônicos. Certa vez, numa aldeia caiapó, espalhou-se o temor de que os médicos substituiriam os olhos dos índios pelos do boi. Muitos deixaram de ir.

Devido à falta de acompanhamentos do pós-operatório, as cirurgias são relativamente simples: principalmente a retirada de hérnias e a correção de cataratas. Embora triviais, têm um enorme potencial de transformação. Sem a hérnia, os índios voltam à roça e conseguem carregar sacos de farinha. Com a visão recuperada, passam a enxergar o peixe de novo, a levar comida para casa. Mais do que sua função social, resgatam a dignidade. ♦

Os jornalistas viajaram a convite da Pfizer